

Relato de Experiência (Arquitetura, Urbanismo e Design)

ESPAÇO PRATICADO: UMA REFLEXÃO SOBRE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PELAS CRIANÇAS

PRACTICED SPACE: A REFLECTION ON CHILDREN'S APPROPRIATION OF SPACE

<http://dx.doi.org/10.31072/rcf.v9i2.715>**Jordana Leijôto Santos**

Professora Mestra da Instituição de Ensino Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA. E-mail: jordana.leijoto@faema.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8625-7664>.

Mariana Bedendo de Souza

Mestra pelo Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade, da Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ. E-mail: bedendo.mariana@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5094-2459>.

Diego Ramires

Mestre pelo Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade, da Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ. E-mail: diegodeiscila@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6639-1572>.

Rafael Leite Nogueira

Professor Mestre do Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves - UNIPTAN. E-mail: rafael.nogueira@uniptan.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0488-2007>.

Copyright¹:

Submetido em: 03 dez. 2018. Aprovado em: 12 dez. 2018. Publicado em: 15 dez. 2018.
E-mail para correspondência: jordana.leijoto@faema.edu.br.

Palavras-chave:

Espaço
Rua
Crianças
Apropriação
Brincadeiras

RESUMO: Através da relação antropológica do espaço, podem-se observar as diversas significações afirmadas no mesmo: uma formação social refletida a partir do urbano. A partir do questionamento do público-privado, percebem-se forças que absorvem a cidade convergem para a segregação que modela o espaço urbano e a sua apropriação. Entende-se aqui por espaço, o lugar praticado, um espaço social como produto social. Onde a cidade, a partir de uma organização mutável se mostra adaptável em relação a seus objetos e à percepção dos cidadãos. Abordando a rua enquanto espaço de convivência e afirmação da vida social e enquanto definidora de segurança para a região, as brincadeiras de rua abrem o diálogo entre a infância e a rua, onde demonstram sua dimensão simbólica entre singularidade e coletividade das crianças na afirmação de sua identidade. Aqui a busca pelo entendimento da crise urbana reflete a perda do caráter humanista dos espaços e demonstra a segregação tanto política-econômica quanto cultural. O negligenciamento do princípio da comunidade e da racionalidade estético-expressiva na racionalidade são entendidos como determinantes da construção forma urbana atual. Portanto se faz necessário uma mudança cultural visando um futuro sustentável através do saber ambiental. Com tais princípios se estabelece uma relação entre o presente trabalho e o desenvolvimento dos Jogos da rua com crianças no Bairro São Dimas, em São João del-Rei e são desenvolvidas reflexões sobre tais respostas obtidas a partir das atividades e suas relações.

Keywords:

Space
Street
Children
Appropriation
Street Games

ABSTRACT: Through the anthropological relationship of space, one can observe the different meanings affirmed in the same: a social formation reflected from the urban. From the questioning of the public-private, we see forces that absorb the city converge to the segregation that models the urban space and its appropriation. It is here understood by space, the place practiced, a social space as a social product. Where the city, from a changeable organization is adaptable in relation to its objects and to the perception of the citizens. Approaching the street as a space for social life and affirmation of social life and as a security for the region, the street plays open the dialogue between childhood and the street, where they demonstrate their symbolic

¹ Atribuição CC BY: Este é um artigo de acesso aberto e distribuído sob os Termos da *Creative Commons Attribution License*. A licença permite o uso, a distribuição e a reprodução irrestrita, em qualquer meio, desde que creditado as fontes originais.

dimension between the singularity and the collective of the children in the affirmation of their identity. Here the search for the understanding of the urban crisis reflects the loss of the humanistic character of the spaces and demonstrates the segregation as much political-economic as cultural. The neglect of the principle of community and aesthetic-expressive rationality in rationality are understood as determinants of the current urban form construction. Therefore, it is necessary a cultural change aiming at a sustainable future through environmental knowledge. With these principles, a relationship is established between the present work and the development of the Street Games with children in the São Dimas Quarter, in São João del-Rei, and reflections are developed on such responses obtained from the activities and their relationships.

1 INTRODUÇÃO

Para compreender as significações dos espaços, entre os indivíduos e identidades, faz-se necessário recortar trechos conceituais. Com a teoria de DaMatta⁽¹⁾, sob uma perspectiva antropológica, é possível afirmar que estes espaços são carregados de significações, que vão muito além da forma literal da casa e rua, são dotadas de conotações morais, e relações sociais sistemáticas.

Em um contexto de significações, o espaço público e o privado possuem uma relação complexa de interdependência e coexistência. A percepção sobre suas fronteiras são as mesmas que os definem, são envolvidos em um conjunto de valores e princípios comuns a cada cultura. Sendo assim, segundo Jovchelovitch⁽²⁾ “refletir sobre os espaços públicos e privados significa acima de tudo refletir sobre a natureza de uma relação”.

Embasando-se nas reflexões sobre as dinâmicas entre indivíduo e espaço, o presente artigo pretende apontar a inter-relação entre a prática social e apropriação do espaço a partir da prática de experimentação da rua junto às crianças da comunidade do bairro São Dimas, na cidade de São João del-Rei, Minas Gerais. As práticas foram realizadas no contexto da disciplina “Construção do Saber Ambiental” do Programa Interdepartamental de Pós-Graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade da Universidade Federal de São João del-Rei, em conjunto das ações do Projeto de Extensão Parque Chacrinha do curso de Arquitetura e Urbanismo.

As oficinas desenvolvidas tinham como objetivo promover integração entre ambas as partes prevenindo e buscando soluções aos conflitos sociais que os margeiam. Isto posto, a análise da prática se une à teorização do conceito de apropriação, relação do corpo com a cidade e as possíveis significações da rua e do espaço-público.

1.1 A apropriação do espaço como aspecto do cotidiano

No urbanismo contemporâneo, a apropriação do espaço público vem ganhando características

segregacionistas. Lefebvre⁽³⁾ afirma ainda ser a cidade um produto da industrialização, que caracteriza a sociedade urbana. A dualidade da urbanização – industrialização e urbanização, crescimento e desenvolvimento, produção econômica e vida social – tornou esse processo conflituoso. Considera que o tecido urbano não é limitado a sua forma, mas sim, faz parte de uma “forma de vida” baseada na sociedade urbana.

Esse foco, essencialmente econômico, da produção dos espaços coloca em questionamento a forma como as cidades estão sendo pensadas e projetadas, e qual parcela da sociedade se beneficia com essa cidade. Admite-se uma discussão da forma urbana, mesmo que em ambigüidade, como produto da representação social. No entanto, atualmente, ao avaliarmos o espaço urbano junto à sociedade, nota-se a perda de seu caráter humanista, no qual a sociedade tem seus direitos participativos na cidade negligenciados.

A partir deste contexto, percebe-se a formação de um conceito híbrido de público e privado, voltado exclusivamente à necessidade do segmento com maior poder econômico. É justamente o surgimento deste novo modelo de espaço que levanta o questionamento sobre público e privado, pois muitas vezes o espaço em questão é criado e mantido pelo erário, por força política, pelo poder econômico, impondo seus próprios espaços em contraponto ao resto da cidade. Conforme Lefebvre⁽³⁾ (p. 100) observa: “o Estado e a iniciativa privada, dizemos nós esforçam-se por absorver a cidade, por suprimi-la como tal, [...] apesar de suas diferenças e as vezes de seus conflitos, convergem para a segregação.”

Para que se possa compreender as nuances das significações destes novos espaços híbridos, é necessário se concentrar na relação destes com o indivíduo e não apenas no espaço geográfico. No sentido da relação trazida por DaMatta⁽¹⁾ das significações de moradia e uso, da Casa e Rua. Estes novos espaços exclusivos, seja pela segregação político-econômica (shoppings e condomínios fechados, por exemplo) ou segregação cultural² (museus e exposições), expressam novas formas de moradia, lazer e consumo, que contribuem com a segregação constante e exponencial das sociedades,

² Infere-se aqui ao conceito de Capital Cultural de Pierre Bourdieu.

modelando seu cotidiano e apropriação do espaço, e transformando sua identidade e o sentimento de pertencimento de seus indivíduos.

Para Sobarzo⁽⁴⁾, “o cotidiano não se restringe às atividades de rotina, nem tampouco a atos isolados, isto por que no cotidiano se realizam as coações e se gestam as possibilidades”. O autor analisa que o cotidiano remete à relação entre espaços de representações, subjetivos e apropriados, e as representações do espaço, de forma objetiva e dominadoras. “O espaço da apropriação é o espaço do usuário; o espaço vivido”⁽⁴⁾ (p. 104).

Sob essa perspectiva, recorreremos às palavras de DeCerteau⁽⁵⁾ que atribui à ideia de lugar significações que o transformarão em espaços. Um lugar é a ordem onde “se distribuem elementos nas relações e coexistência (...) uma indicação de estabilidade” já o espaço é construído pelos sentidos e movimentos que se “desdobram” no lugar.

Nesse sentido, vê-se o cotidiano como leme do espaço e da dinâmica urbana, o que justifica nas palavras de Lefebvre⁽³⁾ sobre a necessidade de avaliar as significações da cidade em determinada localidade, a memória da cidade e como ela se materializa, como as dinâmicas urbanas modelam a cidade; seus grupos sociais, em seus espaços e seu cotidiano. Dessa forma trata de forma global o espaço relacionado à cultura contemporânea e também às sociabilidades urbanas. É o espaço (social) posto como produto (social) e possuidor de três dimensões de interação dialética: A prática social, onde a produção e reprodução dos lugares são próprios a cada formação social. As representações do espaço estão relacionadas à produção imposta por signos e códigos, os espaços de representação, que se ligam ao cotidiano, ao “subterrâneo da vida social”⁽³⁾, à arte.

Lynch⁽⁶⁾, por sua vez, nos atenta que um ambiente característico e legível não oferece apenas segurança, mas também reforça a profundidade e a intensidade potenciais da experiência humana. O autor ressalta que “uma cidade é uma organização mutável e polivalente, um espaço com muitas funções, erguido por muitas mãos num período de tempo relativamente rápido”⁽⁶⁾.

Podemos entender então a importância da rua e dos espaços de convivência para o bairro. Jane Jacobs⁽⁷⁾ evidencia que a utilização das ruas, além de trazer vida à cidade, origina maior segurança à região. Destaca as atribuições da autogestão das ruas, onde propõe que o uso da rua como espaço comum tece redes de vigilância pública e forma redes em escala reduzida na vida cotidiana do povo e, conseqüentemente, redes de confiança e de controle social; além de propiciar a integração das crianças a uma vida urbana razoavelmente responsável e tolerante.

Entendendo que as ruas são espaços onde tradicionalmente ocorrem as brincadeiras das crianças, sendo essa uma função que deveria ser encorajada no planejamento urbano, evidencia-se

esse espaço da rua como aquele que proporciona formações importantes no desenvolvimento das crianças. Burnier⁽⁸⁾, ao tratar da relação entre criança e espaço, indica interações que ultrapassam as relações físicas, estabelecidas dimensões simbólicas “por onde perpassa a tensão entre a singularidade das crianças e os arranjos sociais da coletividade”⁽⁸⁾.

O diálogo entre a infância e a rua surge então na figura das brincadeiras e jogos de rua, onde, atraídas pelo interesse comum, crianças que residem próximas, se conhecendo ou não, se reúnem em um determinado espaço para desenvolver tais atividades. Huizinga⁽⁹⁾, destaca:

O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da “vida cotidiana”.

É nessa atividade que a criança compete e coopera pela primeira vez com sujeitos externos a sua família, livre da limitação de um facilitador que pode moldar a atividade, como é comum nas escolas. Sendo assim é na rua que a criança realmente demonstra e desenvolve suas características pessoais e suas atitudes em relação ao outro. O momento distante da escola e família se faz necessário, pois é um momento de intimidade e auto-conhecimento.

Percebe-se, então, o potencial dos jogos de aproximar pessoas e fortalecer sua identidade como sujeito e grupo. Segundo Hall⁽¹⁰⁾ identidade é um processo discursivo, nascendo das experiências pessoais somadas a circunstâncias históricas de cada sujeito. O que leva o sujeito a possuir determinada postura que o define num momento posterior, porém nada permanentemente.

1.2 A crise urbana, cultural e paradigmática

Lefebvre⁽³⁾ destaca que essas caracterizações da cidade levam a um conjunto de problemas que define uma *crise da cidade*. Mesmo com as intenções humanistas, a prática direciona-se para a segregação por causas sociais e políticas, onde suas estratégias, consciente ou inconscientemente, tendem ao segregacionismo, gerando assim a destruição morfológica da cidade e a ameaça à vida urbana. A análise demonstra que a segregação é uma forma mantenedora do sistema de classes da sociedade capitalista.

É evidente a necessidade da ação e diálogo emancipatório a uma parcela da população onde existe segregação social-espacial. A segregação explanada na dimensão do cotidiano (da concentração de riqueza e da propriedade) apresenta-se como diferença, tanto nas formas de acesso à moradia, quanto em relação ao transporte urbano como limitação de acesso às atividades urbanas, bem como através da

deterioração/cercamento/diminuição dos espaços públicos. Esta diferenciação condiciona as relações sociais, assim como o modo como cada cidadão se apropria do espaço, de acordo com Serpa ⁽¹¹⁾.

Segundo Maricato⁽¹²⁾ a segregação urbana é uma das faces mais importantes da desigualdade social, assim como parte promotora da mesma. Ainda ressalta a dificuldade de acesso aos serviços e infraestrutura urbanos, a qual somada à falta de oportunidade no mercado de trabalho gera maior exposição à violência, discriminação social, dificuldade de acesso ao lazer e justiça oficial.

O direito à cidade deve incluir o direito aos espaços públicos de representação, o direito à produção de representações a partir da dialética entre o concebido e o vivido no cotidiano dos lugares urbanos da contemporaneidade ⁽¹¹⁾. Nesse sentido, as representações são mediadoras entre ambos e, em alguns casos, podem modificar o concebido e o vivido. Nesses casos, os lugares urbanos poderiam aparecer em toda sua plenitude como “obras”, através de práticas espaciais desviantes dos “modelos”, conforme enfatiza Lefebvre ⁽³⁾.

A busca pela coerência da sociedade é tratada aqui como uma obsessão de integração e participação. A reflexão urbanística sugere uma recomposição das unidades sociais, e, a reflexão sociológica busca o conhecimento como forma reconstrutiva das interações do urbano. O direito à cidade, então, constitui a questão urbana ao cerne da questão social, apontando a hegemonia do urbano sobre a sociedade como um todo. Aproximamos tal crítica à relação de dominação da racionalidade cognitivo-instrumental e a regulação do mercado apontada por Santos ⁽¹³⁾, podendo afirmar que a produção do espaço urbano está diretamente relacionada a essa cientificização, e assim a crise da cidade citada por Lefebvre é um reflexo no urbano de uma crise social, uma crise paradigmática.

Muito além da valoração do mercado e das tecnologias no âmbito científico, tal crise se dá diante do negligenciamento do princípio da comunidade e da racionalidade estético-expressiva. Pode-se notar seu reflexo na produção do espaço urbano através da segregação evidenciada nas cidades e da negação ao direito à cidade. Tal direito não deve ser simplificado ao retorno às cidades tradicionais, e sim visto com a necessidade de formulação de uma transformação e renovação daquilo que seria o direito à vida urbana. O direito à cidade envolve uma luta política e cultural pela democracia urbana que acarreta uma mudança da cultura e da natureza das relações sociais. Santos⁽¹³⁾ ressalta:

Se a pós-modernidade de oposição significa alguma coisa é justamente esse desequilíbrio dinâmico ou

³ Entende-se por sustentabilidade àquela baseada no tripé da biodiversidade, bem-estar humano e diversidade cultural, visando principalmente uma busca pelo princípio

assimetria a favor da emancipação, concretizando com a cumplicidade epistemológica do princípio da comunidade e da racionalidade estético-expressiva.

A mudança destacada pelo autor ⁽¹³⁾ para um conhecimento-emancipação, em busca de um novo senso comum, possui três dimensões: a solidariedade (ética), a participação (política) e o prazer (estética). Destacando a característica participativa, esta visa a repolitização global para uma vida coletiva entendendo que a política seja o espaço de cidadania. Essa invenção de um novo conhecimento emancipatório diz respeito a uma quebra do ciclo de auto-reprodução do capitalismo e se trata de um processo social que acredita já estar em curso com a autocritica da ciência moderna.

Ainda buscando por um novo conhecimento visando a mudança do paradigma da modernidade, Leff ⁽¹⁴⁾ segue o diálogo questionando o “conhecimento universal como razão de domínio e o forçamento de valor global do mercado” colocando a educação ambiental em busca de mentalidades e habilidades que visem um futuro na sustentabilidade³, democrático e equitativo. Essa visão busca uma nova racionalidade através do saber ambiental, com métodos interdisciplinares e guiados por princípios da complexidade, onde se reconstitui identidades e se produz uma nova cultura.

A complexidade ambiental então emerge como nova racionalidade, semelhante à abordada por Boaventura, onde surgem novas subjetividades e a abertura entre o diálogo dos saberes. Um espaço onde se articula natureza, técnica e cultura refletindo sobre um reconhecimento e reapropriação do mundo. Segundo Leff ⁽¹⁴⁾ a “pedagogia ambiental implica no enlaçamento de práticas, identidades e saberes, de conhecimentos científicos e saberes populares; é a prática na qual o ser (individual e coletivo) se forja no saber”.

2 SÃO DIMAS E SUAS RELAÇÕES

Fundamentados nos conceitos abordados, pretende-se descrever o processo de abordagem e desenvolvimento da atividade trabalhada pelo grupo de alunos da disciplina “Construção do Saber Ambiental” do Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade da Universidade Federal de São João del-Rei dentro do Projeto de Extensão realizado no bairro conhecido por Parque Chacrinha, junto à comunidade do Bairro São Dimas, localizado em São João del-Rei, Minas Gerais.

2.1 Breve histórico - bairro São Dimas

da cultura da sustentabilidade abordada por Davide Brocchi e Sacha Kagan.

O bairro São Dimas tem seu histórico relacionado à história do comércio local, onde, por volta do final do século XVIII, era utilizado como caminho por tropeiros, comerciantes e produtores rurais do município e microrregião (Santa Rita do Rio Abaixo, passando pelo povoado de Ibitutinga). O lugar era conhecido como “Lava-Pés” devido ao uso do curso d’água chamado Cavinha, pelos viajantes que paravam para descansar e lavar mãos, rostos e pés. Em 1940 foi denominado como São Dimas, junto à construção da primeira capela do bairro em homenagem ao santo.

Segundo Meroto et al ⁽¹⁵⁾ a prefeitura de São João Del-Rei, nos primeiros anos do século XX, destinou parte de um dos terrenos que possuía na região para a construção de moradias de famílias de baixa renda, entretanto, sem controle formal da ação ou infraestrutura prévia. Foi na década de 1960, então, que o bairro deu início ao seu povoamento, por famílias provenientes de povoados da região que vieram à procura de trabalho. A escolha da área de ocupação sofria influência direta pelas proximidades do eixo em expansão, que situava entre o Centro, o bairro Fábricas e Matozinhos. (Ver Anexo, **Figura 1**).

Os primeiros moradores foram incumbidos de levar, dentro do possível, infraestrutura ao bairro. Foi vinculada a eles a responsabilidade de abrir e demarcar as ruas, além de realizarem a autoconstrução de equipamentos urbanos e de moradias. Em 1980, de acordo com Meroto et al ⁽¹⁵⁾ o bairro sofreu um adensamento populacional, e com o apoio da igreja, a comunidade reuniu para resolver os problemas de água e de moradia inadequada. Todas as obras de infraestrutura foram devido aos trabalhos da própria população para arrecadar verbas necessárias para a construção.

Segundo Barros e Carneiro ⁽¹⁶⁾ a história do bairro São Dimas está intimamente ligada aos conceitos de mutirão, mobilização e lutas sociais. O surgimento das primeiras casas e a legitimação do direito ao uso do solo foram conquistas dos moradores, por meio de articulação social. Destacam ainda que os problemas socioambientais, presentes no bairro desde sua criação, implica em uma postura de luta dos moradores, observando que:

Todas as melhorias conseguidas no bairro perfazem o mesmo caminho: ora são resultado do próprio trabalho braçal dos moradores; ora nascem da articulação com atores sociais externos e da consequente intervenção dos mesmos; ora são fruto da reivindicação comunitária junto aos poderes públicos locais, regionais e nacionais por seus direitos de uso e acesso a recursos naturais e equipamentos urbanos ⁽¹⁶⁾.

A Universidade Federal de São João del-Rei, faz divisa territorial com o bairro São Dimas e possui um histórico de relação com a comunidade, como por exemplo, na regularização do abastecimento de água realizado por meio de intervenção da Universidade, com o projeto Lava-Pés, como cita Barros e Carneiro

⁽¹⁶⁾. Do mesmo modo, a instituição realiza atividades de aproximações junto aos moradores, a fim de promover uma integração maior entre ambas as partes prevenindo e buscando soluções aos conflitos sociais que os margeiam, a ausência de planejamento e a sua relação com a sustentabilidade urbana e arquitetônica principalmente por se tratar de uma área de risco na cidade. Essas ações no bairro acontecem por meio de programas extensionistas da UFSJ, como o Parque Chacrinha e o Projeto de Extensão “Cidadania e Justiça Ambiental: ações de mobilização comunitária no bairro São Dimas”, juntamente a atividades e estudos teóricos propostos por disciplinas práticas do Curso de Arquitetura e Urbanismo.

2.2 Programa de Extensão Parque Chacrinha

O Programa de Extensão Parque Chacrinha (PIBEX-UFSJ) foi idealizado por estudantes de Arquitetura e Urbanismo e Biologia e apoiado por professores de diversas áreas de atuação. O Programa age em bairros inseridos em áreas de vulnerabilidade socioambiental de São João del-Rei, no encontro das bacias hidrográficas dos córregos São Francisco Xavier e Lenheiros ⁽¹⁷⁾. As ações foram iniciadas em meados de 2014 e com elas um processo de reabilitação de usos e ressignificação de espaços a partir de Oficinas e mutirões com moradores destas comunidades socioambientalmente vulneráveis. O nome Parque Chacrinha surge de um resgate histórico do nome de um dos córregos que abasteceu tais comunidades durante anos, e, atualmente, encontra-se poluído.

Promovendo eventos nas comunidades relacionados ao meio ambiente, cultura, saúde, educação, urbanidade e arquitetura social, as ações do programa vão desde aulas de apoio às crianças e realização de plantio de mudas de árvores ao redor do Centro Comunitário, como o evento “Mudemos”. O evento, organizado pelos projetos de extensão Parque Chacrinha e Casa Verde (do curso de Biologia – UFSJ), proporciona o plantio de mudas de árvores nativas e exóticas no local, contando com a participação das crianças do bairro. Outra ação realizada pelo Projeto foi a exposição “Dimas, O primeiro”, o qual buscou resgatar a memória do bairro São Dimas e trazer à tona a história do bairro além dos registros oficiais. A instalação foi organizada pelo Escritório de Práticas Projetuais Alternativas (EPPA), o Projeto Parque Chacrinha e o projeto 5ª Cultural (programa do curso de Jornalismo) da UFSJ.

2.3 A UFSJ e a comunidade

Ao analisar a relação bairro e Universidade, nos sentidos de apropriação, pode-se perceber que a comunidade não se apropria da Universidade e do Centro Comunitário de maneira efetiva. Levantamos aqui algumas questões que podem elucidar a razão disto. De acordo com Lefebvre ⁽³⁾ a segregação deve

ser analisada por critérios, sendo estes ecológicos, formais e sociológicos (níveis de vida e modos de vida, etnias, culturas e subculturas etc.). É de suma importância citar que é inevitável um confronto de identidades quando comparamos o bairro à universidade. O meio universitário muitas vezes pode ser considerado um espaço “elitizado” o qual, ainda e infelizmente, carrega consigo o caráter dessa segregação sociológica, uma segregação social e intelectual. Isto gera um desconforto nos moradores, os quais não se sentem permitidos à ocupação do espaço efetivamente.

Em primeira instância, focando no uso do Centro Comunitário, há o fato deste ser propriedade da UFSJ e, apesar da relação Universidade – aqui entendida por universitários e professores com iniciativas extensionistas e trabalhos dentro da instituição – ser positiva, com diversos exemplos de ações junto à comunidade, ainda há uma relação no qual o morador do bairro ainda não se sente a vontade, efetivamente, para ocupar o espaço universitário - mesmo que este seja um espaço público.

Percebe-se a utilização do Centro Comunitário, que, por sua vez, se encontra deteriorado, necessitando de alguns amparos e reformas. A comunidade – em sua maioria crianças e as mães – o utiliza para a prática das oficinas e aulas ofertadas pelos programas de extensão, entretanto, não se sente pertencente a ponto de cuidar e nem possui recursos para isso. De outro lado, a Universidade – como instituição – negligencia esse espaço, fato que pode ser relacionado à distância do mesmo com os outros prédios da instituição, fazendo com que este fique “esquecido”. No que tange à relação territorial, onde o bairro São Dimas margeia a Universidade, fazendo divisa direta, percebe-se o uso da instituição como caminho alternativo de entrada ao bairro, faz com que a comunidade procure manter uma relação positiva com a UFSJ.

Percebe-se, por fim, que há uma grande receptividade e participação dos moradores do bairro nos projetos e atividades propostas pelos universitários. O caráter de luta destes moradores, de história de reivindicações por melhorias, faz com que os mesmos entendam a possibilidade de produtos positivos na relação universidade e bairro. As práticas sociais procuram minimizar essas relações conflituosas, construindo um acesso às problemáticas socioambientais junto à comunidade.

3 JOGOS DA RUA

Durante as aulas da disciplina Construção do Saber Ambiental foram apresentadas diversas atividades já realizadas pelo grupo de pesquisa do curso de Arquitetura e Urbanismo, onde alunos participantes do projeto puderam compartilhar seus trabalhos, posteriormente foi realizada visita prévia para reconhecimento do espaço a ser trabalhado e na qual

foram acentuadas demandas relativas às questões ambientais pela visão técnica da Universidade.

Tomado como princípio que conhecer é o primeiro passo, a turma da disciplina realizou duas reuniões como forma de aproximação com os moradores, onde ocorreu o reconhecimento das demandas por eles, seguida da proposta e aprovação das atividades sugeridas pelos alunos. Após a decisão relativa às diversas possibilidades de oficinas e a aprovação dos moradores, foi elaborado um cronograma para o mês de novembro de 2016, onde foram propostas oficinas de jogos da rua e desenho para as crianças que deveria ocorrer simultaneamente à oficina de cerâmica para as mães destas, e também reuniões para a troca de saberes popular em plantas medicinais para os adultos. Essas atividades foram subdivididas pelos alunos da disciplina e a realização ficou sob responsabilidade de equipes menores.

Esta equipe de trabalho buscou, através de contato prévio, uma troca de informações com a comunidade para encontrar soluções condizentes com sua realidade, visando abordar temas como a apropriação e sustentabilidade da comunidade entre si e com seu espaço urbano, unindo conhecimento técnico e empírico, e por isso desenvolveu o projeto de jogos da rua com as crianças.

A oficina realizada, os jogos da rua, ocorreu visando principalmente incentivar a apropriação do espaço público, tanto da quadra quanto das ruas do próprio bairro pelas crianças, e assim buscar um estreitamento dessa relação da comunidade com o espaço. A experiência se deu por meio de brincadeiras sugeridas pelas crianças, algumas tradicionalmente conhecidas como jogos de rua e outras inventadas por elas mesmas. Foi possível perceber a aceitação e abertura para diálogo, visto que compareceram cerca de 20 crianças, abrangendo faixa etária distinta, de ambos os gêneros.

O primeiro jogo escolhido foi a queimada. Atividade muito comum tanto nas aulas de Educação Física quanto nas brincadeiras das crianças do bairro. A atividade consiste em dois campos e duas equipes que buscam acertar o adversário com uma bola. Um fato curioso a se ressaltar é a faixa etária das crianças que compôs essa atividade, entre dois e dez anos, as crianças menores acompanhavam os irmãos para também participar da brincadeira. Logicamente os menores preferiam ficar ao lado dos irmãos e irmãs durante toda a atividade. O jogo se iniciou na quadra esportiva dentro do campus universitário, porém adversidades como o sol, tamanho do espaço e até a familiarização com o espaço acabou prejudicando as atividades e todos concluíram que deveria ser uma atividade na rua sem saída do bairro (Ver Anexo, **Figuras 2 e 3**).

O segundo jogo foi o tradicional esconde-esconde, através do qual pudemos observar a grande familiaridade por parte das crianças. As regras foram estabelecidas, sem se estender muito, ressignificado e transformado o espaço para atender a demanda e

necessidade que o grupo partilhava no momento. O ambiente construído, bem como eventos esporádicos (como o carro estacionado, um portão aberto) nesse espaço, trouxe novas possibilidades para o jogo. (Ver Anexo, **Figura 4**).

Outros jogos propostos, inventados pelas próprias crianças, também foram desenvolvidos com menor aderência por parte de todas as crianças, se comparados às brincadeiras anteriores. Fato este que foi interpretado pela singularidade própria dos grupos menores, mais identificados pelas idades e pelo gênero. Pode-se perceber através desses a adaptabilidade das crianças às suas condições, e também a relação de cada uma delas acerca à coletividade. (Ver Anexo, **Figura 5**).

A partir das constatações da equipe de trabalho de certo nível de ocupação do espaço público, como as ruas para as brincadeiras, principalmente se tratando das crianças, surgiu o questionamento sobre a real apropriação desse espaço público. Ao se envolver questões como o cuidado e a manutenção dos espaços comunitários, foram consideradas a existência de demanda pelo cuidado dos espaços em relação às crianças, e a criação de maior vínculo comunitário relativo aos adultos. (Ver Anexo, **Figura 6**).

4 REFLEXÕES FINAIS

Evidenciando o espaço, aqui pela ótica do corpo, das crianças, cada qual terá um significado, variando de acordo com as concepções e vivências. Para Kant⁽¹⁸⁾, o espaço é uma "intuição pura" ou "uma forma a priori da sensibilidade", não é uma construção do espírito nem tampouco uma realidade independente de nós, mas um dado original de nossa sensibilidade, algo que é constitutivo de nosso modo de perceber e sem o qual não poderíamos ter sensações distintas.

Como afirma DaMatta⁽¹⁾, "para que se possa "ver" e "sentir" o espaço, torna-se necessário situar-se.", assim ao nos colocarmos tão próximos à comunidade São Dimas pôde-se entender que "o espaço se confunde com a própria ordem social de modo que, sem entender a sociedade com suas redes de relações sociais e valores, não se pode interpretar como o espaço é concebido"⁽¹⁾.

Portanto, as brincadeiras das crianças na rua, enquanto práticas cotidianas, fortalecem a relação experimentador/espaço. A rua, como Ferreira dos Santos e Vogel⁽¹⁹⁾ articulam, é um universo de múltiplos eventos e relações - caminhos são locais onde a vida social acontece ao ritmo do fluxo constante que mistura tudo. Tem a ver com repouso e movimento, com dentro e fora, com intimidade e exposição e assim por diante. Segundo Lynch⁽⁶⁾ cada cidadão tem vastas associações com alguma parte da cidade, e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados. Assim, "as esperanças, os prazeres e o senso comunitário podem concretizar-se [...] o cidadão poderá impregná-lo de seus próprios

significados e relações. Então se tornará um verdadeiro *lugar*, notável e inconfundível"⁽⁶⁾.

Assim entende-se a relação das crianças com a rua como uma produção da vida social relacionada ao seu espaço, repleta de significado que caracteriza a comunidade de São Dimas. Pode-se citar Lefebvre⁽³⁾ que entende o espaço urbano, "em maior ou menor grau, obra dos cidadãos e não algo que lhes seja imposto como um sistema: como um livro concluído"⁽³⁾. O trabalho desenvolvido, então, buscou analisar as ressignificações dos espaços através das atividades lúdicas, em suas formas de participação no cotidiano social da comunidade. A importância desta análise deve-se pelo ensejo de como elas vivem suas infâncias diante as adversidades espaciais e socioambientais, atuando, nesta perspectiva, como atores ativos no contexto urbano do bairro. Jabobs⁽⁷⁾ destaca:

As crianças da cidade precisam de uma boa quantidade de locais onde possam brincar e aprender. Precisam, entre outras coisas, de oportunidades para praticar todo tipo de esporte e exercitar a destreza física – e oportunidades mais acessíveis do que aquelas de que desfrutam na maior parte dos casos. Ao mesmo tempo, no entanto, precisam de um local perto de casa ao ar livre, sem um fim específico, onde possam brincar, movimentar-se e adquirir noções do mundo.

Percebeu-se que mesmo não tendo espaços destinados a elas, as crianças se apropriam de ambientes já existentes no cenário urbano. Seja em uma rua sem saída ou no beco de uma casa. A atividade lúdica possibilita às crianças dar novos significados aos espaços, o que pode refletir aspectos psicológicos de sua identidade e seu cotidiano.

As ressignificações na infância desenvolvem-se na interação de umas com as outras, criando e recriando seu espaço e sua significância em seu cotidiano. Conforme Burnier, o processo de identificação social, tratando-se da fase infantil, está ligada às culturas infantis, que "permitem às crianças reinventar o mundo que as rodeia, numa relação de convivência que possibilita a construção de fantasias e representações sobre o cotidiano"⁽⁸⁾.

Tal qual Machado⁽²⁰⁾ explica ao longo de seu livro "A educação física e a recreação para o pré-escolar", o brincar ajuda muito a criança a não apenas se conectar ao meio físico em que ela se situa, mas a localizar no meio social. Pois a autonomia presente entre suas atividades demonstra uma lógica de costumes e cultura já firmada entre elas e entre os demais moradores do bairro. Pode-se perceber, através das brincadeiras, como simples jogos podem aproximar a comunidade e trabalhar a identificação do grupo. Dessa forma, Burnier⁽⁸⁾ indica:

Na apropriação do espaço pelas crianças está presente a tensão entre o singular e o coletivo. Isso significa dizer que não se pode entender o desenvolvimento como uma simples maturação, mas como sendo socialmente construído nas

relações. Parte-se da perspectiva da infância como uma construção social específica, que transporta as marcas do tempo, exprime a sociedade nas suas contradições, nos seus estratos e na sua complexidade.

O reconhecimento das significações atribuídas ao espaço pelas crianças é de grande importância para o entendimento da dimensão dos problemas identitários e de pertencimento de qualquer sociedade. É uma forma de linguagem própria, mas que traduz a

expressão cultural e as particularidades em contextos marcados pelas desigualdades sociais.

Compreende-se a cidade como um espaço "vivo", repleto de movimentos e peculiaridades. Ao definir esse "organismo", deve-se entender que todos os indivíduos, grupos, casas, carros e ruas e tudo que compõe o cotidiano de uma cidade é tomado como parte essencial dessa trama urbana. Assim, todas as leituras desse espaço buscam evidenciar o caráter único daquela comunidade e da sua sociedade.

REFERÊNCIAS

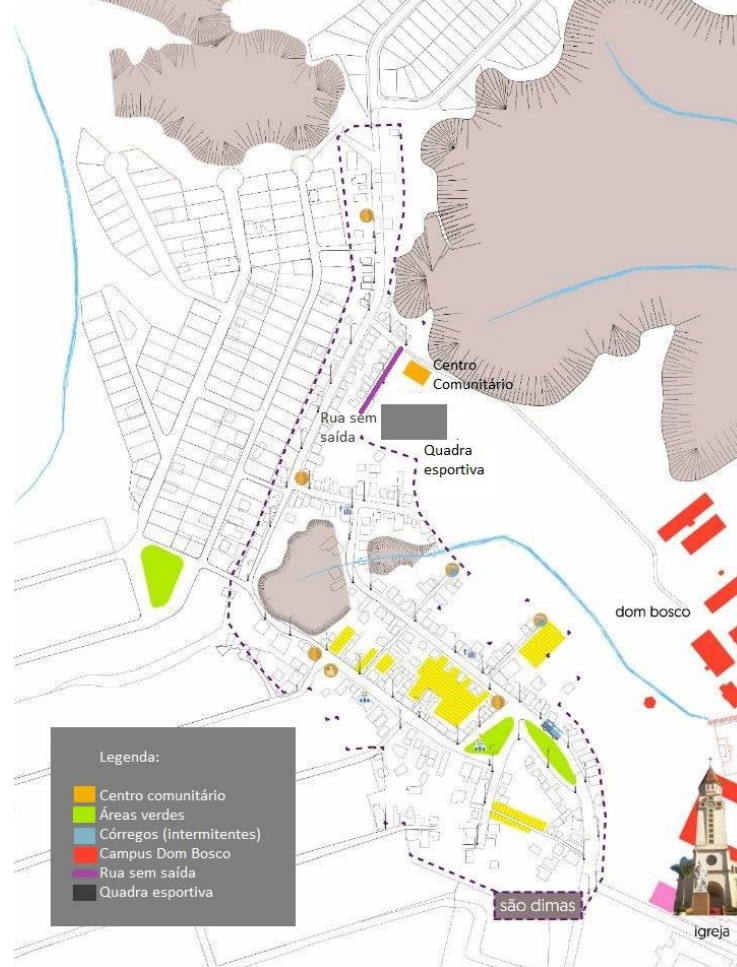
1. Damatta R. A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco; 1997.
2. Jovchelovitch S. Sobre a relação entre o público e o privado. In: Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes; 2000.
3. Lefebvre H. O Direito à Cidade. 1. ed. Lisboa: Estúdio; 2012.
4. Sobarzo O. A produção do espaço público: da dominação à apropriação. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, n.19, p. 93 – 111; 2006.
5. Decerteau M. A invenção do Cotidiano. Petrópolis, RJ: Vozes; 1994.
6. Lynch K. A Imagem da Cidade. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes; 2011.
7. Jacobs J. Morte e Vida de Grandes Cidades. Editora WMF Martins Fontes, 2011.
8. Burnier FA. Espaços e infâncias. I Simpósio Espaço e Educação, 2007. Disponível em: <http://www.ufjf.br/espacoeducacao/files/2009/11/cc07_41.pdf> Acesso em: 02 fev. 2017.
9. Huizinga J. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. 5ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2007
10. Hall S. A Centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. In: Educação e Realidade. Porto Alegre, v.22; 1997.
11. Serpa A. Espaço público e acessibilidade: notas para uma abordagem geográfica. Espaço e Tempo - GEOUSP, São Paulo, 2005. Disponível em:
- <<http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/Geousp/Geousp15/Artigo2.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2017.
12. Maricato E. "Metrópole, legislação e desigualdade". In: Estudos Avançados, São Paulo – IEA USP, 2003.
13. Santos BS. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.
14. Leff H. A complexidade ambiental. Tradução Eliete Wolff. São Paulo: Cortez, 2003.
15. Meroto AJ et al. Zoneamento Urbano: Bairro São Dimas. Trabalho final do Estúdio Avançado "Moradia e cidade: Modernidade e atraso" sob orientação da professora Dra. Márcia Hirata. Universidade Federal de São João del-Rei- Minas Gerais, 2014.
16. Barros MA e Carneiro EJ. De lava-pés a São Dimas: uma história conflituosa de apropriação das condições naturais. Relatório do Projeto de Extensão "Cidadania e justiça ambiental". Universidade Federal de São João del-Rei, 2004.
17. Descrição PROEX. Parque Chacrinha: Ações transdisciplinares, planejamento urbano participativo, intervenções físicas, ambientais e culturais. Disponível em: <<http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/proex/PARQUE%20CHACRINHA.pdf>> Acesso em: 31 jan. 2017.
18. Apiassú, H. Dicionário básico de filosofia. 5 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
19. Ferreira dos Santos CN e Vogel A. Quando a rua vira casa: A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. 3ª edição. São Paulo: Projeto, 1985.
20. Machado N. A educação física e a recreação para o pré-escolar. Porto Alegre: Prodil, 1986.

Como citar (Vancouver)

Santos JL, Souza MB, Ramires D, Nogueira RL. Espaço praticado: uma reflexão sobre apropriação do espaço pelas crianças. Rev Cient Fac Educ e Meio Ambiente [Internet]. 2018;9(2): 812-822. doi: <http://dx.doi.org/10.31072/rcf.v9i2.715>

ANEXO

Figura 1 - Mapa limítrofe UFSJ - Campus Dom Bosco e bairro São Dimas



Fonte: Arquivo do estúdio Loteamento e Moradia, Curso de Arquitetura e Urbanismo UFSJ. (Modificação dos autores)

Figura 2 - Brincadeira realizada na quadra esportiva dentro da UFSJ-Campus Dom Bosco



Fonte: Arquivo do pessoal

Figura 3 - Brincadeiras realizadas na rua sem saída



Fonte: Arquivo do pessoal

Figura 4 - Segundo jogo realizado, o esconde-esconde



Fonte: Arquivo do pessoal

Figura 5 - Relação das crianças com a coletividade



Fonte: Arquivo do pessoal

Figura 6 - Conversa para reflexão e compartilhamento dos conhecimentos



Fonte: Arquivo do pessoal